SOBRE PENSAMENTOS DE PAUL VIDAL DE LA BLACHE: REFLEXÕES SOB A REFERÊNCIA DO PRESENTE

Cássio Eduardo Viana HISSA¹

Resumo

A geografia, a despeito da relativa diversidade de interpretações que incorpora sobre a sua natureza, ainda é vista e praticada, por muitos, como o estudo das superfícies. Quais seriam os significados dessa interpretação e quais as suas implicações? Um rápido exame de fragmentos do pensamento de Paul Vidal de La Blache pode ser bastante proveitoso para a reflexão acerca dos muitos avanços teóricos experimentados pelo saber geográfico e sobre os importantes desafios que a ciência ainda haverá de enfrentar.

Palavras-chave: pensamento geográfico; tradições da geografia; Paul Vidal de La Blache; superfícies e complexidades.

Abstract

About Paul Vidal de La Blanche's thinking: reflections under the current time perspective

Geography, despite its many distinct interpretations, is still viewed and practiced as a study of the surface. What would be the meaning and implications of this interpretation? A quick exam of Paul Vidal de La Blache's point of view can be very helpful to the understanding of the many achievements experienced by Geography, and the many challenges this science is yet to face.

Key Words: Geographic thinking; Geography traditions; Paul Vidal de La Blache; surfaces and complexities.

¹ Professor do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Minas Gerais.
E-mail: cassioevhissa@terra.com.br

INTRODUÇÃO

Na geografia não há, ainda, o hábito da recuperação de estudos, muitas vezes ditos clássicos, que abordam a natureza da disciplina — que se refaz, permanentemente. Não há, também, um mínimo de traduções, para a língua portuguesa, de obras conceituais que possam estimular a continuidade, já iniciada, ainda que de forma retardatária, do processo de elaboração do pensamento que, também, se refere à geografia. Não há, com isso, de fato, uma farta produção que possa delinear, com precisão, uma historiografia do pensamento geográfico. Os tempos ficaram para trás, sob essa ótica. Como se não existissem, como se fossem de menor importância, os trabalhos de alemães, de franceses, de diversos viajantes do século XVIII e do XIX, não são, rotineiramente, recuperados, como poderiam, a partir de leituras contemporâneas.

A reflexão teórica sobre as obras do passado, seguramente, ainda fortaleceria o pensamento atual sobre a disciplina que, através da contribuição de alguns geógrafos, a partir da segunda metade do século XX, já demonstrava importantes preocupações teóricas, metodológicas, epistemológicas. Do mesmo modo, tal iniciativa poderia representar o que sempre significou para diversas disciplinas científicas, dotadas de um estatuto epistemológico progressivamente mais consistente: a construção, no imaginário que povoa o pensamento dos estudiosos, do conteúdo clássico contido em obras do passado mais distante. Afinal, desde já, diante do pequeno diálogo que se estabelece com as obras pretéritas, para que o presente possa, sempre, ser um movimento na direção do futuro da disciplina, poder-se-ia interrogar: a partir de quais critérios e de quais referências, autores como Alexander von Humboldt (1769-1859), Karl Ritter (1779-1859), Friedrich Ratzel (1844-1904), Paul Vidal de La Blache (1845-1918), por exemplo, são apresentados como clássicos da geografia?

O presente artigo tem o objetivo de introduzir algumas reflexões básicas sobre a geografia, sobre o seu objeto, sobre os seus métodos, tal como concebidos pelo francês Paul Vidal de La Blache. Trata-se de uma rápida leitura de fragmentos de seu pensamento contido em uma de suas publicações². A despeito da utilização da referida versão em português, a publicação francesa também serviu de referência para que se pudesse obter a desejada aproximação com os escritos originais (LA BLACHE, 1993, p. 357-368). Uma advertência ao leitor faz-se necessária: algumas reflexões não estão explicitamente conectadas ao texto de Paul Vidal de La Blache (1982). Outras, por sua vez, jamais poderiam estar porque dizem respeito à leitura contemporânea de um texto publicado no início do século passado³. Finalmente, justifica-se o foco: o referido texto do geógrafo francês talvez possa ser identificado como um dos mais estigmatizados quando emergiu, fortemente, o debate teórico-metodológico que

² A referida publicação consiste do artigo intitulado “As características próprias da geografia”, originalmente publicado em 1913, nos *Annales de Géographie*. O texto, traduzido por Odete Sandrini Mayer, foi publicado, no Brasil, em obra organizada por Christofolletti (1982) que, durante alguns anos, foi absorvida como uma importante referência dos estudos teóricos, metodológicos e epistemológicos, ainda precários, na geografia brasileira.

³ A integridade do pensamento do geógrafo francês é, evidentemente, respeitada, a despeito dos recortes necessários em seu artigo. Além disso, o texto de Paul Vidal de La Blache é adotado como se assumisse, no tecido da escrita, o fio condutor das idéias e das reflexões. Observa-se, finalmente, que a reflexão parece circunscrita ao pensamento do autor francês presente, exclusivamente, ao seu artigo de 1913 — portanto, cinco anos antes da sua morte. Entretanto, não há como desconsiderar que o referido artigo de Paul Vidal de La Blache é representativo de um momento amadurecido de sua vida intelectual. Não se poderia afirmar, também, pela mesma razão, que as idéias apresentadas pelo francês não sejam, em grande medida, um produto de sua vivência e de sua prática de pensar a disciplina.

retiraria a disciplina de um histórico sono reflexivo, conforme observaria Jean-François Dosse (1994). Diante do exposto, adverte-se que o presente artigo não deve ser interpretado apenas como uma análise do referido texto de Paul Vidal de La Blache. Caso fosse, se estaria correndo o risco das simplificações e da banalização de um pensamento circunscrito em apenas um de seus escritos. Trata-se, o presente artigo, de um esforço de interpretação de trechos da obra do geógrafo francês, cotejados por algumas reflexões sobre tendências contemporâneas experimentadas pelos saberes científicos e, em particular, pela geografia.

INDEFINIÇÕES E IMPRECIÇÕES

No título do seu artigo, Paul Vidal de La Blache já antecipa alguns de seus propósitos com o seu texto — ainda que não se discuta, aqui, se ele apresenta, de fato, as características próprias da geografia. Mas, o geógrafo promete a apresentação de algumas características que distinguem a geografia das demais disciplinas científicas. Trata-se de uma ansiedade que se manifesta, na geografia, desde o início do século XX, própria, portanto, da modernidade:

Ao refletir, fiquei impressionado pelos mal-entendidos que reinam sobre a própria idéia da Geografia. No grupo das Ciências Naturais, ao qual sem nenhuma dúvida se integra, ela possui um lugar à parte. Suas afinidades não excluem sensíveis diferenças. Ora, é sobretudo a respeito dessas diferenças que as idéias são pouco precisas. [...] A Geografia é considerada como se alimentando nas mesmas fontes de fatos da Geologia, da Física, das Ciências Naturais e, de certa forma, das Ciências Sociológicas. Ela serve-se de noções, sendo que algumas delas são o objeto de estudos aprofundados nas ciências vizinhas: daí vem, então, a crítica que se faz às vezes à Geografia, a de viver de empréstimos, a de intervir indiscretamente no campo de outras ciências, como se houvesse compartimentos reservados no domínio da ciência. Na realidade, como veremos, a Geografia possui seu próprio campo. O essencial é considerar qual uso ela faz dos dados sobre os quais se exerce. Será que ela aplica métodos que lhe pertencem? [...] E se a Geografia retoma certos dados que possuem um outro rótulo, não há nada para que se possa taxar essa apropriação de anticientífica (LA BLACHE, 1982, p. 37-38).

A geografia deveria, tal como várias disciplinas, desenvolver características de modo a torná-la um campo autônomo do conhecimento científico: a interpretação parece ser consensual, sempre presente nas obras de positivistas, neopositivistas, marxistas. Trata-se de um desenho de ciência que perpassa os paradigmas da modernidade. A geografia, tal como discutida no início do século XX, deveria se movimentar, conforme o que insinua o título do artigo do geógrafo francês, no sentido de definir o que lhe é próprio. Em outros termos, a disciplina deveria consolidar-se objetivando a construção de suas propriedades, de seus domínios, de suas fronteiras disciplinares (HISSA, 2002). Esse é o sonho da ciência moderna, que lhe dá o movimento na direção da construção do pensamento disciplinar.

Pode-se refletir, em princípio, sobre as transformações experimentadas pelos saberes científicos, ao longo da história. Se a ciência poderia ser compreendida como

uma prática associada às artes e à filosofia, a modernidade inventa uma nova ciência. René Descartes (1596-1650) e os empiristas ingleses, John Locke (1632-1704) e Francis Bacon (1561-1626), são tidos como precursores dessa nova ciência ou do pensamento científico moderno. Auguste Comte (1789-1857), interpretado como um dos expoentes da organização do método positivista, atribui aos empiristas ingleses e à René Descartes o mérito da sistematização básica da abordagem científica moderna (COMTE, 1983). Já na passagem do século XIX para o XX, portanto, o conhecimento científico já se organiza a partir das diversas disciplinas. Cada uma delas desenvolve o seu movimento teórico, à procura de sua autonomia, de suas características próprias: definindo um objeto próprio e um método de análise particularizado. Ainda que relativamente pouco interessado na reflexão teórica acerca da natureza da disciplina — ainda que o leitor contemporâneo seja convidado a pensar nessa alternativa como obrigatória —, Paul Vidal de La Blache aponta para o futuro de ansiedades, de indefinições e de imprecisões da geografia: esse campo do saber deveria, conforme as indicações da modernidade, buscar a sua identidade e demarcar o seu território.

Já no início do seu texto de 1913, Paul Vidal de La Blache já sublinha os mal-entendidos que predominam nesse campo do saber. Ele admite as aproximações com as “ciências naturais”, ainda que observe as diferenças estabelecidas com esse conjunto de saberes. Mais importante, ainda, é admitir que é exatamente sobre tais diferenças que pairam as dúvidas, as imprecisões e os mal entendidos. Nesses termos, é reto e profícuo o pensamento a ser recolhido do francês: nas diferenças pairam as imprecisões, próprias dos territórios de fronteira. E não há saber que não seja, por natureza, de fronteira, transdisciplinar (MORIN, 1999).

Pode-se refletir, dessa forma, sobre a questão encaminhada desde o início. Todas as disciplinas — em algumas circunstâncias, algumas menos ou mais intensamente — estabelecem, entre si, relações de aproximação, de sobreposição e de junção. Entretanto, ainda há o que dizer sobre a expectativa desenvolvida acerca dos territórios disciplinares. Imagina-se que possam conquistar a autonomia, suficientemente amadurecida, para que construam características próprias, feitas de uma natureza própria e de uma especificidade que os demarca: isso os distinguiria dos demais. Imaginação ou fantasia? O problema da geografia, no que a isso se refere, é, assim, apresentado por Paul Vidal de La Blache: o que distingue a geografia, das demais disciplinas, é feito de uma idéia pouco precisa. Isso faz, também, desde então, a imprecisão da disciplina. Qual disciplina não seria, também, feita dessa matéria?

Se tal reflexão, originária dessa rápida introdução contida no texto do geógrafo francês, pode ser vista à luz nos tempos que já se foram, como pensar tal questão quando vista do agora, da contemporaneidade? A questão poderia, inclusive, estender-se para além dos problemas discutidos nos interiores da geografia. Todas as disciplinas se deram conta da imprecisão das idéias que se referem às diferenças que estabelecem com as demais? Debates como esses poderiam ser ampliados a partir da leitura de pensadores contemporâneos, como MORIN (1999, 2002) e CAPRA (2000, 2001, 2002). Algo de essencial das disciplinas científicas pode residir fora de seus domínios territoriais. A imprecisão é própria da obra humana e deve ser vista como uma “descoberta” importante ou como um passo fundamental que se adianta na direção da imagem da complexidade e dos universos que se interpenetram.

Não se está, com isso, considerando a contemporaneidade da qual se revestiria o pensamento de Paul Vidal de La Blache. Tampouco se está, aqui, considerando que a geografia, desde o início do século XX, já se curvava — na adoção de uma atitude superior — diante da complexidade do universo. Não se trata disso. A disciplina, como todas as demais, sob a referência dos paradigmas da modernidade — majoritários e, de algum modo, bastante conservadores — ainda procuram sua auto-

mia, as suas características próprias, exclusivas, ainda se ajustando com o objetivo de proteger os seus domínios territoriais. Mas é importante, para a reflexão que se conduz, recolher o fragmento de pensamento. Ele não poderá se perder.

Paul Vidal de La Blache, na sua exposição, parece inaugurar a discussão sobre temas que permanecem atuais. A geografia, por muitos, é, ainda, percebida como invasora, como dependente, sem a autonomia da qual se julgam portadores diversos campos disciplinares. Conforme os paradigmas da modernidade, a disciplina científica deverá, para que se constitua como tal, desenvolver um objeto próprio e um método de análise próprio. Diz-se que a geografia não o fez, completamente. Mas qual disciplina terá o feito, sob as referências contemporâneas transdisciplinares? Não há um saber científico que não seja, em sua natureza, transdisciplinar, conjuntivo, solidário. Como poderia ser, almejando a criatividade e o desenvolvimento do pensamento sobre si próprio, sobre a imprecisa matéria de que é feito?

Afirma-se que a geografia se serve de noções originárias de campos vizinhos do saber. Paul Vidal de La Blache observa que a geografia serve-se de algumas dessas noções que, em outras disciplinas, são objeto de estudos aprofundados. Aqui, parece clara a observação: a geografia trata superficialmente alguns problemas compreendidos como propriedade de outros saberes que, nos seus domínios, são abordados com a necessária profundidade. O geógrafo francês, pois, em 1913, parece ressentir-se da crítica endereçada à disciplina: pelo fato de interferir inconvenientemente no domínio do outro. Entretanto, diante da sua promessa, parece ambígua a sua observação, tal como se segue: “[...] como se houvesse compartimentos reservados no domínio da ciência” (LA BLACHE, 1982, p. 37). Emerge, da leitura, outro fragmento de pensamento a ser recolhido.

Parece bastante apropriada, senão surpreendentemente contemporânea, a observação de Paul Vidal de La Blache. No âmbito da ciência, nos domínios da arte da ciência, não poderia haver compartimentos reservados. Ciência é mesmo abertura (HISSA e GERARDI, 2001). Saber é liberdade de conhecer e o limite é a fronteira do homem. Entretanto, a modernidade, sempre também cartesiana, fez homens que exigiram, de si mesmos, a objetividade enquanto uma supressão do sujeito que cria: assim nasceria a ciência moderna — feita de limites rígidos no interior dos quais sobreviveriam caracteres próprios, exclusivos. Como excluir o geógrafo francês — feito do seu tempo — das pretensões e das ansiedades que ainda recobrem o mundo dos saberes? Pois, disso é também feito o seu texto. Ele promete apresentar o que é da geografia, mesmo se interrogando, repleto de dúvidas que são as de todos. Entretanto, a sua promessa é tão moderna quanto são pretensiosas as da contemporaneidade, para que se refira aos paradigmas conservadores da ciência. A geografia, como observa Paul Vidal de La Blache, em 1913, já teria o seu próprio campo. Suas preocupações são próprias da modernidade que referencia a ciência em construção: a geografia “[...] aplica métodos que lhe pertencem?” (LA BLACHE, 1982, p. 38).

É bastante interessante observar a posição do geógrafo francês, no que se refere à natureza e à intensidade dos contatos feitos pela geografia. Ele observa que a geografia é considerada — sem que se manifeste, como que se ausentando, naquele momento, do próprio texto — como um campo do saber que se alimenta “[...] nas mesmas fontes e fatos da Geologia, da Física, das Ciências Naturais e, de certa forma, das Ciências Sociológicas” (LA BLACHE, 1982, p. 37). O que disso interessa para a reflexão contemporânea? É certo que se trata de apenas uma pequena observação. Entretanto, ela carrega informações que podem ser exploradas, sob a referência dos limites interdisciplinares e dos movimentos contemporâneos, que envolvem todas as disciplinas científicas, que se referem às aproximações e à construção de um conhecimento progressivamente mais conjuntivo. Das ciências naturais, ele focaliza a geo-

logia e a física, excluindo um conjunto importante de disciplinas que estabelecem conexões com a geografia. No que se refere às ciências da cultura, ele se refere a um conjunto ao qual denomina “ciências sociológicas”. Além disso, é importante sublinhar que Paul Vidal de La Blanche faz algumas ressalvas às incursões da geografia nesse último conjunto: ele se dá, “de algum modo” e, provavelmente, com menor intensidade, de acordo com o que sugere o texto. Das informações contidas nos escritos, emerge uma imagem de geografia: talvez, predominantemente física e, sob as luzes e sombras do século XXI, estranhamente natural, proveniente dos olhos do historiador de origem, tornado geógrafo pela própria prática.

A NATUREZA FÍSICA DA UNIDADE TERRESTRE E DAS SUPERFÍCIES

Não são incomuns, ainda, as interpretações que associam a geografia ao estudo físico da superfície terrestre. A geografia seria identificada como o estudo das formas e da distribuição física dos objetos. Os domínios da geografia, assim, estariam circunscritos à natureza física, também marcados por processos biológicos projetados para a superfície terrestre. Essa natureza da geografia está presente desde Humboldt e parece atravessar a história, como se fosse essa a sua única trajetória. Paul Vidal de La Blanche parece esclarecer, pelo menos parcialmente, e ratificar as hipóteses sobre o pensamento com o qual ele recobre a geografia — tal como ele a concebe. No trecho do artigo do geógrafo francês, intitulado “A unidade terrestre”, é apresentada a noção da qual se nutriria a disciplina que, ao longo dos tempos, fortalecia uma imagem, quem sabe incompleta ou nebulosa, sobre si própria:

A Geografia compreende, por definição, o conjunto da Terra. Este foi o mérito dos matemáticos-geógrafos da Antiguidade [...], o de colocar em princípio a unidade terrestre, o de fazer prevalecer esta noção acima das descrições empíricas das regiões. É nesta base que a Geografia pode-se desenvolver como ciência. A idéia de correspondência, de solidariedade entre os fenômenos terrestres, penetrou e tomou corpo, muito lentamente na verdade, porque se tratava de apoiá-la sobre fatos e não sobre simples hipóteses. Assim, quando no início do século XIX Alexandre von Humboldt e Karl Ritter se fizeram os iniciadores do que se chamava então de geografia comparada, eles se orientavam de acordo com uma visão geral do globo; e foi por aí que sua impulsão foi fecunda. Todos os processos posteriormente obtidos, no conhecimento da Terra, foram atribuídos a melhor esclarecer esse princípio de unidade. Se existe um domínio onde ele se manifesta muito claramente, então é o domínio das massas líquidas que cobrem $\frac{3}{4}$ do globo e do oceano atmosférico que o envolve. [...] É assim que, se propagando, as borrascas formadas nas proximidades da Terra Nova atingem as costas da Europa Ocidental e, evidentemente, do Norte do Mediterrâneo; e se as perde de vista a seguir e se sua margem escapa dos observatórios, não há dúvida de que a série das repercussões continua. [...] A parte sólida do globo também sofre a participação de uma dinâmica geral. [...] Esta idéia de unidade é comum, sem dúvida, a todas as ciências que tocam a física terrestre, assim como às que estudam a repartição da vida. [...] Cada ciência rea-

liza, neste sentido, a tarefa que lhe é própria; mas não se pode dizer, por isso, que ela preenche o papel da Geografia: é este papel que se deve precisar (LA BLACHE, 1982, p. 38-39).

Se a geografia compreende o conjunto da Terra, este, por sua vez, definiria o significado e a natureza da geografia. Mas, o autor francês — pelo que se observa — encaminha outros entendimentos para o seu próprio texto. A geografia abarca o conjunto da Terra, em sua totalidade integrada em suas diversas possibilidades: esse parece ser o entendimento a ser encaminhado. Mas, afinal, a que conjunto se está referindo? Qual é a natureza dessa Terra, apresentada pelo geógrafo francês?

O conjunto da Terra é, conforme Paul Vidal de La Blache, tomado como equivalente à unidade terrestre. Ele trata a unidade terrestre como uma imagem, como um princípio, como uma referência, talvez, que, a seu ver, estaria iluminando as descrições empíricas de âmbito regional — tão marcadamente francesas, tão essenciais à compreensão da própria geografia e de sua própria história. Esse conjunto e essa unidade terrestres, por sua vez, são, também, apresentados a partir da imagem de solidariedade entre fenômenos terrestres. A imagem evocada pela palavra encaminha a própria noção de densidade do conjunto (terrestre), de união entre as partes representadas pelos fenômenos. Mas, a que fenômenos se refere o autor?

Vê-se que Paul Vidal de La Blache se esforça para apresentar uma imagem de ciência compatível com os paradigmas da modernidade. Ele recusa as “simples hipóteses”, através das palavras que encaminha. Ele abraça os fatos, como se os mesmos não fossem, também, tal como observara Friedrich Nietzsche, uma criação interpretativa do sujeito, da arte, da ciência, da arte da ciência. Para o geógrafo francês, tais fatos, que permitiriam a construção da imagem desse conjunto terrestre, dotado de unidade solidária, teriam sido explicitados por Humboldt e por Ritter — cujos trabalhos teriam sido referenciados por uma “visão geral do globo”. Observa-se, também aqui, que a idéia do conjunto terrestre permite, através de uma leitura possível dos escritos do geógrafo, mais uma palavra equivalente: globo. Não se fala em mundo, mas em globo: quem sabe, globo terrestre — para forjar uma expressão equivalente.

O conhecimento da Terra, conforme observa Paul Vidal de La Blache, contribuiu para um melhor esclarecimento desse denominado princípio de unidade. O geógrafo fornece exemplos e ressalta o domínio das massas líquidas: nada pode ser avaliado isoladamente, como se pudesse ser tomado como uma parte independente; tudo está conectado. O texto faz referência ao oceano atmosférico, cujos movimentos reverberam por todos os cantos do globo. O mesmo pode ser dito sobre o oceano das águas: partes dele comunicam-se intimamente, através da circulação, fundos e superfícies. É sobre essa unidade terrestre — sobre esse conjunto terrestre marcado pelas conexões solidárias —, que faz referência Paul Vidal de La Blache. Essa seria a terra da geografia, tal como a concebe o autor francês. Recorre-se, também, ao mundo dos sólidos para que se torne clara a idéia da unidade, feita dessas conexões solidárias e reverberantes. O autor francês remete-se aos fatos tectônicos, “recolhidos” das diversas explorações pelos cantos do mundo, para consolidar a imagem de Terra e, conseqüentemente, a imagem da disciplina.

A física terrestre: o geógrafo encaminha mais uma expressão, que se ajunta à unidade terrestre e ao conjunto terrestre, e, quem sabe, sugere um significado especial à palavra vida — a que se refere à própria física terrestre. A geografia também se ocuparia dessa física, desse conjunto terrestre, dessa vida da Terra, dessa unidade solidária. Teria papéis específicos, no conjunto das disciplinas — cada qual a desempenhar o seu movimento particular em busca de saberes próprios. Segundo o geógrafo francês, não se poderia dizer que nenhuma preencheria as funções da geografia que, por sua vez, necessitaria definir, com precisão, o seu papel. Mas, como defini-lo? Uma

pergunta complementar, ainda que essencial, já pode se adiantar: feita de física, de oceanos e de atmosferas, de universos sólidos tectônicos, de calores e de vapores, a terra da geografia excluiria os homens? Seria, por tal razão, que, pensando a disciplina nesses termos, ele considera que a geografia se sirva, apenas, “de certa forma” das denominadas “ciências sociológicas”? Diante das circunstâncias, apresenta-se para o leitor do início do século XX, uma geografia feita de história natural, preenchida pela física da terra, cujo objeto seria o próprio conjunto terrestre — o próprio globo em sua dimensão física. No tópico do seu artigo, intitulado “A combinação dos fenômenos”, Paul Vidal de La Blanche ainda reforça a trajetória marcada fortemente pelo seu pensamento sobre o que estuda a geografia:

Pode-se dizer [...] que a Geografia, inspirando-se como as ciências vizinhas na idéia de unidade terrestre, tem por missão especial procurar como as leis físicas ou biológicas, que regem o globo, se combinam e se modificam aplicando-se às diversas partes da superfície. [...] A Geografia é solicitada para as realidades. [...] A diversidade dos elementos a considerar também se encontra no domínio dos seres vivos. A vegetação de uma região é um conjunto heterogêneo, no qual se distinguem plantas de diversas proveniências: umas invasoras, outras refugiadas, outras que são legadas de climas anteriores, outras que acompanharam as culturas dos homens. [...] As migrações, cujo sentido e datas nos escapam frequentemente, misturaram as tribos de seres vivos, compreendendo também os homens; e é de seus resíduos que se formaram os ocupantes sobre as diversas regiões, onde eles puderam concentrar-se. Enquanto as classificações lingüísticas nos fornecem a ilusão de grandes grupos humanos, os índices que fornecem a antropologia e a pré-história concordam em mostrar a diversidade das raças que, como aluviões sucessivas, formaram a maioria de nossos povoadamentos. A análise desses elementos e o estudo de suas relações e de suas combinações compõem a trama de toda a pesquisa geográfica (LA BLACHE, 1982, p. 39-41).

Paul Vidal de La Blanche já fornece alguns desenhos do pensamento que desenvolve acerca dos objetivos da geografia. A disciplina, tal como vista no início do século XX, deveria se movimentar objetivando a procura de leis físicas ou biológicas que podem ser aplicadas às *superfícies terrestres*. Percebe-se, com nitidez, o foco encaminhado pelo pensamento que converge para a dimensão das superfícies físicas e biológicas, na escala de um mundo denominado globo. O pensamento é coerente, desde o início da escrita, voltado para a compreensão da geografia como a disciplina que se encarrega desse conjunto terrestre, solidário, telúrico, feito de superfícies. Observa-se, também, o pensamento que procura cuidar da cientificidade do projeto: a procura de leis sempre foi, conforme os paradigmas da modernidade, uma das metas da ciência clássica. A Terra seria a fonte inesgotável de informações, a partir das quais, conforme o pensamento clássico, derivariam leis que, supostamente, regeriam o planeta.

De palavras originárias de um tempo distante, emerge uma frase marcante: “A Geografia é solicitada pela realidade” (LA BLACHE, 1982, p. 40). A imagem é paradigmática e sobrevivente. A frase é simbólica de uma disciplina que atravessa o século XX como se essa fosse a sua missão: a geografia ainda carrega, para muitos, a responsabilidade de abordar o real. Não se pode afirmar que a imagem do real, da forma como representada no texto do autor, é forjada pelo próprio Paul Vidal de La Blanche. Poder-se-ia afirmar que se trata da imagem de um tempo, representado,

também, pelo geógrafo francês. Mas a imagem desse mundo real atravessa todo o século. O real é tomado como equivalente ao mundo físico, terrestre; ainda que atmosférico e oceânico, feito de vapores e de luzes, ele pertence aos domínios do terrestre. O real, nesses termos, é feito das superfícies, das coberturas, das formas. Real que se denomina concreto. Assim se compreende a geografia: como a disciplina dos objetos reais e concretos. Portanto, diante da realidade, caberia à geografia, assim concebida, recolher da Terra as informações necessárias ao desenvolvimento de leis referentes ao conjunto terrestre.

Entretanto, a esse real de Paul Vidal de La Blache (1982) é endereçado um conjunto de combinações entre fenômenos — como ele assim definiu uma série de movimentos da natureza perceptível na dimensão do terrestre. Assim, a compreensão do clima regional demandaria um esforço de apreensão de médias de temperaturas, de umidades, de luminosidades, de ventos que, ainda, estariam combinadas com o relevo, a orientação, os solos, a vegetação, as culturas. A geografia caberia a análise desses elementos e de suas combinações. À geografia caberia a caracterização das regiões, sob a referência dos mesmos fenômenos.

Novas terminologias foram adotadas para a compreensão da geografia que, na contemporaneidade, adquire novos significados. Entretanto, muito dessa imagem construída pela geografia sobre si mesma ainda permanece. Não se trata, apenas, de uma imagem construída pelo ambiente científico — e “não científico” — exterior à geografia. A *terra da geografia*, *escrita da terra*, é apresentada, desde o início do século XX, como *terra física* — feita de elementos físicos e biológicos. Inclui-se o homem. Mas, essa inclusão, não faz uma disciplina voltada para a compreensão da *terra dos homens*. A geografia seria grafada como o estudo da Terra, vista como chão, compreendida como física e biologia terrestres. Caberia aos olhos, à observação minuciosa feita de trabalhos de campo, capturar a realidade, compreendida a partir de diversos ângulos.

A escrita de Paul Vidal de La Blache é um convite ao pensamento sobre determinados conceitos que, na contemporaneidade, adquirem novos valores. Trata-se, ainda, de um estímulo à reflexão e ao questionamento. De que é feita a realidade? A lucidez de José Saramago (2001) interroga os paradigmas modernos: “Se eu acreditar que Deus fez os meus olhos para que eu visse a realidade tal como ela, então estupendo, mas como nós sabemos que não é assim, não vale a pena estarmos a perder tempo com isso”. A realidade é feita dos olhos e do seu encontro com o mundo: olhos, do sujeito, feitos de cultura. Como pode haver uma realidade — por mais física e natural que possa parecer — que não seja, especialmente, humana? (SANTOS, B., 2001; SANTOS, M., 1978). Ainda assim, na contemporaneidade, a ciência se movimenta objetivando o desvendar desse *mundo real*: seja no mundo exterior aos olhos, nas superfícies; seja por trás da aparência; como se existisse alguma verdade ensimesmada, alguma imagem em si, alguma essência em si; como se o mundo não fosse feito dos interiores do *eu* e de suas incompletudes.

Paul Vidal de La Blache ainda delinea, com maior ênfase, as suas visões acerca dos interesses da geografia:

O campo de estudo, por excelência, da Geografia é a superfície; este é o conjunto dos fenômenos que se produzem na zona de contato entre as massas sólidas, líquidas e gasosas, que constituem o planeta. [...] Entre as superfícies que estuda a Geografia, as da litosfera têm a vantagem de conservar mais ou menos a impressão das modificações que elas sofreram desde a sua emersão. Elas apresentam, por isso, um interesse particular e abrem uma nova fonte de ensinamentos. É como um quadro registrador, sobre o qual o estado presente das formas se revela em continuação dos

estados anteriores. Através das formas que pertencem ao ciclo atual de evolução, distinguem-se lineamentos das que as precederam. Estas formas subsistem, às vezes, tão claramente, que se pode distinguir até o grau de evolução atingido pelas formas do solo, devido às ações da natureza semelhante às que trabalham sob nossos olhos, quando um novo ciclo de erosão é aberto. Na cadeia das idades, é naturalmente o anel mais próximo, o antecedente imediato que menos sofreu desgaste. Ele se transforma mais do que é abolido. A obra do passado persiste através do presente como a matéria sobre a qual se exercem as forças atuais. A partir daí, estamos em plena Geografia (LA BLACHE, 1982, p. 41-42).

Paul Vidal de La Blanche procura explicitar o que pensa sobre o campo de estudos da geografia: a superfície. Para ele, a superfície é um conjunto. Talvez, para além do próprio conjunto, a superfície deveria ser compreendida como aquele conjunto de fenômenos produzidos na zona de contato entre as massas — sólidas, líquidas e gasosas — que constituem o planeta. A geografia, assim, seria o estudo da *superfície do planeta* que aglutina uma diversidade incontável de fenômenos que, em conjunto, provoca uma série de reações. Entretanto, o que está nos subterrâneos, nos interiores da Terra, conforme observa o geógrafo francês, é, também, de interesse indireto da disciplina porque, de algum modo, repercute na superfície: o autor se refere às influências desses fenômenos subterrâneos na conformação do relevo terrestre e, por conseguinte, no clima, na hidrografia, na vegetação; no homem, também, escreve Paul Vidal de La Blanche. Mas, de todas as superfícies, conforme o geógrafo, a da litosfera oferece vantagens por se deixar marcar, registrando processos do passado à mostra no presente. Todos os exemplos que se seguem, fornecidos pelo autor, referem-se à evolução das formas geomorfológicas, ao movimento das superfícies sólidas. Ao longo da leitura do texto de Paul Vidal de La Blanche, é fortalecida a imagem de uma geografia voltada para o estudo das superfícies terrestres — modeladas pela física e, em menor escala, pela biologia na qual, muito discretamente, o homem pode ser incluído apenas como um elemento adicional, ainda que dotado de sua força de interferência inquestionável. Essa é a geografia sobre a qual discorre o autor francês no início do século XX. Mais adiante, Paul Vidal de La Blanche focaliza, preferencialmente, as vegetações e a dimensão da biologia — particularmente a da botânica. A partir de então, percebe-se, conforme o pensamento recolhido do autor, um maior equilíbrio entre os vetores da física e os da biologia na constituição do que pode ser compreendido como o campo de estudos da geografia — conforme a imagem da disciplina por ele oferecida:

Se desejarmos nos colocar no espírito de um geógrafo, ou seja, analisarmos os fatos como um geógrafo, estaremos ligados a fatores de ordem diversa, de proveniência heterogênea, e formando entre si combinações múltiplas; sentiremos que o equilíbrio resultante dessas combinações não tem absolutamente nada de estável, que ele está à mercê de modificações cuja multiplicidade dos fatores abre uma ampla margem. Pode-se perguntar, nesse terreno aparentemente móvel, onde está o princípio diretor que permite edificar métodos que se mantêm, e tentar experiências coordenadas de descrições terrestres. Recorramos ainda à observação. O que a observação e a análise encontram nessas superfícies onde se imprimem os fenômenos, não são casos isolados, traços incoerentes, mas grupos de formas obedecendo a uma ação de conjunto, ligadas por afinida-

des, e trabalhando em comum para eliminar da superfície o que não convém mais às condições atuais (LA BLACHE, 1982, p. 43).

A despeito da iniciativa, Paul Vidal de La Blache não obtém êxito quando procura oferecer, para os seus leitores, a imagem do geógrafo — tal como ele o concebe. O geógrafo seria aquele que se põe diante de fatores de natureza diversificada, de origem heterogênea e que constituem múltiplas combinações? Toda a ciência e, por conseguinte, todos os cientistas, contudo, põem-se diante de um quadro como esse. Não seriam tais situações que forneceriam a especificidade do trabalho do geógrafo e da geografia.

É bastante interessante, para a compreensão contemporânea das imagens pretéritas da geografia, refletir, ainda sobre a observação — tal como focalizada pelo geógrafo francês em seu texto do início do século XX. A observação, diante das superfícies, assumiria aquela função fundamental de recolher o que nelas está impresso pelos fenômenos. Nesses termos, as superfícies são compreendidas, sobretudo, como ambientes de recepção de fenômenos, como receptáculos de eventos e de fenômenos da natureza. Lá, nas superfícies, assim marcadas, os fenômenos fazem a sua "história natural": essa é a imagem apresentada por Paul Vidal de La Blache. Desse modo, as superfícies seriam feitas desse universo de formas inanimadas, de natureza física, assim como de formas biológicas, nas quais a natureza se insinua de forma coordenada, regida por leis dotadas de uma harmonia orgânica que, ainda, sugere o significado de equilíbrio. O autor, ainda que não escreva com tais palavras, parece insinuar para o leitor do século XXI: os fenômenos, projetados para as superfícies, encontram o equilíbrio e a adaptação; as superfícies, elas mesmas, revelam esse movimento na direção do equilíbrio e da adaptação. Mas, interroga-se, questionando o pensamento contido nesse texto de 1913: onde está o homem? De que maneira ele é recebido pela geografia? Em que circunstâncias ele é acolhido e abordado pela disciplina?

A DESCRIÇÃO

Não há ciência sem perguntas. Não há saber científico moderno sem que se defina um objeto. Não há saber científico moderno sem um método de análise do qual se sirva, cada uma das disciplinas, para a abordagem das questões que se formulam. A ciência moderna é feita dessas aspirações e dessas imagens de rigor e de objetividade. É o que pretende Paul Vidal de La Blache com o seu texto, quando busca caracterizar o que estuda a geografia. O geógrafo francês, ainda, procura afirmar a cientificidade da disciplina, apresentando o método da geografia:

A Geografia distingue-se como ciência essencialmente descritiva. Não seguramente que renuncie à explicação: o estudo das relações dos fenômenos, de seu encadeamento e de sua evolução, são também caminhos que levam a ela. Mas esse objeto mesmo a obriga, mais que em outra ciência, a seguir minuciosamente o método descritivo. [...] A descrição geográfica deve ser maleável e variada como seu próprio objeto. [...] O desenho e a fotografia entram a título de comentários na descrição. As figuras esquematizadas têm sua utilidade como instrumento de demonstração. Mas nada vale o desenho como meio de análise para captar de perto a realidade, e como controle dessas observações diretas, que

encontram hoje nas excursões geográficas a ocasião frequente de se exercer. O hábito dessas lições itinerantes é, para nós, um dos mais notáveis ganhos pedagógicos desses últimos anos. É a escola ao ar livre, mais higiênica e mais eficaz que qualquer outra (LA BLACHE, 1982, p. 45-46).

Em qualquer campo do saber científico, a descrição desempenha papéis fundamentais. Entretanto, talvez seja a descrição o resultado mais primário ou mais básico que pode alcançar um saber que pretende a explicação, a interpretação. Isso não significa afirmar que a elaboração da descrição seja uma simples tarefa. Não se trata disso. A descrição é uma arte da ciência que exige a destreza e a sensibilidade do fotógrafo ou do pintor, que solicita a habilidade e a desenvoltura do escritor, a sensibilidade harmônica do músico e do poeta, a precisão estética do escultor. Sendo assim, a descrição, por si só, já é uma representação, uma interpretação: ela, nesses termos, assim pode ser avaliada. Entretanto, a ciência moderna — com a qual se alinha o pensamento de Paul Vidal de La Blanche, com a qual se alinham, mais adiante, os positivistas lógicos, além dos próprios marxistas — manifesta o desejo de ser só ciência e nada mais, como, também, questionou Milton Santos (1994). A geografia moderna, nascida na Alemanha e que se consolida na França de Paul Vidal de La Blanche, não abdica da objetividade. Ela deseja ser ciência e não arte, como se a arte abdicasse da precisão, do rigor. O geógrafo francês afirma: a geografia é basicamente descritiva. Mas seria esse o fator que a distingue das demais disciplinas?

Escreve Paul Vidal de La Blanche: a geografia adota “o método descritivo”. É curiosa a observação, assim como deveriam ter sido interessantes os caminhos percorridos por Paul Vidal de La Blanche para interpretar a descrição como um método. Há diferenças entre método e metodologias. Paul Vidal de La Blanche, é certo, não está preocupado com isso. O emprego da palavra (método) tem o objetivo, nesse caso, de definir o caráter da geografia através da sua prática: a geografia descreve; o geógrafo descreve o que vê (através da *observação direta*, tal como se manifestou o geógrafo francês), e os seus olhos — instrumento da sua observação — são a câmera com que captura, com suposta fidelidade, o que está inscrito nas superfícies. A geografia, necessariamente, não estaria preocupada com os fenômenos mas com o que eles deixaram nas superfícies, ou seja, com a superfície grafada pelos fenômenos. Assim, a geografia se exercitaria com a escrita da Terra, desenhada por um conjunto de fenômenos que, de forma interdependente (combinada), se imprimiram nas superfícies.

Como tais anotações marcaram a geografia! A geografia moderna, denominada clássica, foi rotulada de tradicional, pejorativamente, também, pelo fato de ser caracterizada por isso: pelo seu caráter essencialmente descritivo. Além disso, a geografia clássica ainda foi mais estigmatizada pelo fato de se apresentar, na prática, como essencialmente descritiva e, sobretudo, por focalizar exclusivamente a superfície dos objetos visíveis: a aparência, na qual, para muitos, a verdade das coisas se dissimula. Como se pudesse haver a verdade absoluta! Como se pudesse haver uma verdade que, deliberadamente ou não, se esconderia no interior das coisas! Como se não houvesse qualquer sinal, dessa tão reclamada verdade, no exterior dos objetos, no corpo dos seres! É certo que os debates da segunda metade do século XX, na geografia, foram extremamente carregados de ideologia. Poucos deles se salvaram pela sobriedade, pela elegância, pela retidão intelectual, pela consistência epistemológica, como observaria Milton Santos (1978). Se a geografia não é exatamente a ciência da descrição, não poderia ser, também, o saber das essências, dos interiores, dos subterrâneos onde a verdade se poria a esconder. Nenhum saber é feito desses vazios reflexivos e desses maniqueísmos. Mas, ainda, não se pode negar

a estranha trajetória construída pela *geografia das escolas*, também percebida na *geografia das pesquisas*, extremamente fundamentada na descrição: jamais a ser compreendida como fim das coisas, nunca a ser interpretada como portadora da leitura objetiva.

Feito de superfícies, esse objeto da geografia, conforme enfatiza Paul Vidal de La Blache, obriga a disciplina a seguir a descrição em suas minúcias: mais do que faria qualquer outra ciência. Por quais motivos? O visível, contido nas superfícies, pede a fotografia e a descrição? Os fenômenos, em si mesmos, não interessam: essa é a palavra já dita, contida no texto do geógrafo francês. Eles interessam, apenas, porque marcam a superfície. Entretanto, se a superfície é compreendida como o resultado dessa *impressão*, como não se interessar pelos fenômenos e pelos processos de que, pela razão exposta, são feitas as formas e o mundo das imagens? As superfícies, feitas dos olhos, são, também, os processos que nelas se imprimem. Elas, de algum modo, são a manifestação dos processos que pedem a compreensão e formulam as perguntas endereçadas aos homens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: LACUNAS ENTRE HISTÓRIA E NATUREZA

Paul Vidal de La Blache procura abordar questões relacionadas à inserção do homem nesse *conjunto terrestre*. Trata-se de um texto polêmico, marcado por trechos estigmatizados. Procura-se a compreensão da geografia entre dois campos do conhecimento: a geologia e a história. O tempo é um interessante instrumento de mediação. O tempo geológico (tempo da natureza) e o tempo histórico (tempo dos homens): na superfície terrestre estão grafadas as marcas desses tempos, distintos pela sua extensão. Caberia a interrogação: o tempo geológico não seria, também, produto da história? O texto de Paul Vidal de La Blache parece claro no que diz respeito à importância concedida ao tempo geológico no que se refere à sua capacidade de modelagem das superfícies — entendidas, por ele, como o que estuda a geografia:

É preciso dizer que nesta fisionomia o homem se impõe, direta ou indiretamente, por sua presença, por suas obras ou consequência de suas obras. Ele é um dos agentes poderosos que trabalham para modificar as superfícies. Coloca-se por isso entre os fatores geográficos de primeira ordem. [...] É uma outra questão aquela de saber qual influência as condições geográficas exerceram sobre seus destinos e particularmente sobre sua história. Não posso deixar de abordar aqui este ponto importante. A História e a Geografia são companheiras antigas que há muito tempo caminham juntas e que, como acontece com os velhos conhecimentos, perderam o hábito de discernir as diferenças que as separam. [...] A Geografia é a ciência dos lugares e não dos homens; ela se interessa pelos acontecimentos da História à medida que acentuam e esclarecem, nas regiões onde eles se produzem, as propriedades, as virtualidades que sem eles permaneceriam latentes. A história da Inglaterra é insular, a da França é sacudida entre o mar e o continente; o dedo da Geografia está marcado sobre cada uma delas. Estes encadeamentos históricos têm seu lugar na evolução dos fatos terrestres; mas quanto é limitado o período de tempo que eles abrangem! (LA BLACHE, 1982, p. 46-47).

A denominada Escola Francesa de Geografia é compreendida, por muitos, como a que questionou o determinismo geográfico — tomado, muitas vezes de forma equivocada, como uma obra de Friedrich Ratzel: as forças do meio forjariam comportamentos e ações humanas. Do seu artigo publicado em 1913, Paul Vidal de La Blache, em grande medida, fornecendo seqüência à leitura ratzeliana, emerge como um geógrafo que adjetiva a história da Inglaterra de insular, a da França “[...] sacudida entre o mar e o continente [...]” (LA BLACHE, 1982, p. 47). Mas a que insularidade estaria se referindo Paul Vidal de La Blache? A história inglesa é, especialmente, a de uma ilha que se torna o centro de um império que, por sua vez, reconstrói a *imagem de ilha* e de *insularidade*. A geografia que migra para a França parece não se desvencilhar de determinismos, talvez por ainda desenhar o seu objeto com os olhos fixos em uma superfície modelada pela natureza físico-biológica. Nela, o homem, também, escreve a sua história, “[...] um dos agentes poderosos que trabalham para modificar as superfícies” (LA BLACHE, 1982, p. 46). Aqui, nesse seu texto de 1913, aparece pouco aquele pensador tomado como uma das referências para o desenvolvimento de uma teoria da geografia humana, conforme observa Horacio Capel (1988, p. 327).

É certo que a geografia não deveria, segundo pode-se inferir dos escritos contidos no artigo, voltar-se para o estudo dos processos, de natureza cultural, através dos quais as superfícies são trabalhadas. O texto de Paul Vidal de La Blache deve ser lido sob a referência do seu tempo. Entretanto, como tais escritos marcaram a história da geografia! Uma frase, dentre todas, talvez a mais estigmatizada, merece a leitura: “A Geografia é a ciência dos lugares e não dos homens [...]”. Há quem possa afirmar que tenha sido, essa, o exemplo da formulação de uma *frase infeliz*. Não é exatamente assim. A frase é o reflexo de todo o texto. Outros escritos de Paul Vidal de La Blache, contudo, de algum modo, representam a negação das suas anotações de 1913: “É o homem o que revela a individualidade de um território, modelando-o para seu próprio uso” (LA BLACHE, 1903, citado por CAPEL, 1988, p. 332)⁴. Mas, a geografia de Paul Vidal de La Blache, compreendida a partir do seu artigo tão veiculado, torna-se, simplificada, o estudo das superfícies terrestres — feitas, essas, da física e da biologia. Essa geografia, trazida para o Brasil no início do século XX, é feita do “[...] desejo de observar cada vez mais diretamente, cada vez mais atentamente, as realidades naturais” (LA BLACHE, 1982, p. 47). Trata-se de uma lição imprescindível, fornecida pelo geógrafo francês, da qual os futuros pensadores da geografia não deverão se livrar. Da lição, emerge a interrogação: de que é feita a natureza? Não seria ela, essa natureza que a todos desafia, de diversas maneiras ao longo da história dos homens, feita dos próprios olhos do homem? A que natureza se refere, Paul Vidal de La Blache, visto do século XXI? De que é feito o seu pensamento? Não é ele feito do seu tempo, da sua própria história? O mesmo pode ser dito da geografia, tal como ele a concebe.

A sua conclusão, elaborada há um século, não é menos precisa, menos sábia, do que as mais lúcidas interpretações contemporâneas sobre a natureza da geografia, sobre o seu objeto, sobre os seus métodos de análise. A incerteza toma o assento da promessa, parecendo desafiar as arrogâncias da contemporaneidade, quando, simultaneamente, todas as disciplinas tendem a oscilar entre as demais:

É tempo de concluir: conhecemos há muito tempo a Geografia incerta de seu objeto e de seus métodos, oscilando entre a Geologia e a História. Esses tempos passaram. O que a Geografia, em troca do auxílio que ela recebe das outras ciências, pode trazer para o tesouro comum é a aptidão para

⁴ Extraído de LA BLACHE, Paul Vidal de. *Tableau de la Géographie de France*, 1903.

não dividir o que a natureza juntou, para compreender a correspondência e a correlação dos fatos, seja no meio terrestre que envolve a todos, seja nos meios regionais onde eles se localizam. (LA BLACHE, 1982, p. 47).

Por mais que a geografia tenha investido na demarcação das suas fronteiras, por mais que tenha obtido êxito no referido empreendimento, o seu território é feito de passagens — típicas dos espaços de fronteira. Isso pode ser estendido a todas as disciplinas, que, ao longo da história do conhecimento, desejaram ser ciência e não mais do que isso, optaram pela abordagem disciplinar quando muito do seu núcleo residia em universos exteriores — muitos dos quais tidos como “não científicos”. A despeito do estigma, ainda prevalece, na geografia, a imagem de geografia sublinhada pelo geógrafo: *a aptidão para não separar*. Tal imagem, com maior ou menor clareza, está presente na obra de Paul Vidal de La Blache (1994), quando não é mencionada, também, por alguns de seus estudiosos (SANGUIN, 1993; BUTTIMER, 1980). A lição poderia ser absorvida por todos, incluindo os geógrafos que, já no século XXI, insistem na concepção de uma geografia feita de compartimentos e de leituras simplificadas do que pode ser compreendido por espaço.

REFERÊNCIAS

- BUTTIMER, Anne. **Sociedad y medio en la tradición geográfica francesa**. Barcelona: Oikos-tau, 1980.
- CAPEL, Horacio. **Filosofía y ciencia en la Geografía contemporánea**. 3. ed. Barcelona: Barcanova, 1988.
- CAPRA, Fritjof. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. 7. ed. São Paulo: Cultrix, 2002.
- CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente**. 22. ed. São Paulo: Cultrix, 2001.
- CAPRA, Fritjof. **O tao da física: um paralelo entre a física moderna e o misticismo oriental**. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 2000.
- CHRISTOFOLETTI, Antonio. **Perspectivas da geografia**. São Paulo: Difel, 1982.
- COMTE, Auguste. **Curso de Filosofia Positiva**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- DOSSE, François. **História do Estruturalismo: o canto do cisne, de 1967 a nossos dias**. São Paulo: Ensaio; Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.
- GUATTARI, Félix. Fundamentos ético-políticos da interdisciplinaridade. **Revista Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 108, p. 19-26, jan.-mar. 1992.
- HISSA, Cássio Eduardo Viana. **A mobilidade das fronteiras: inserções da geografia na crise da modernidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- HISSA, Cássio Eduardo Viana; GERARDI, Lúcia Helena de Oliveira. Imagens da geografia contemporânea: modernidade, caos e integração dos saberes. In: GERARDI, Lúcia Helena de Oliveira; MENDES, Yandara Alves. (Org.). **Teoria, técnicas, espaços e atividades: temas de geografia contemporânea**. Rio Claro: Programa de Pós-Graduação em Geografia – UNESP; AGETEO, 2001. p. 7-20.

LA BLACHE, Paul Vidal de. As características próprias da geografia. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio (Org.). **Perspectivas da geografia**. São Paulo: Difel, 1982. p. 37-47.

LA BLACHE, Paul Vidal de. Des caractères distinctifs de la géographie. In: SANGUIN, André-Louis. **Vidal de La Blache: um génie de la géographie**. Paris: Belin, 1993. p. 357-368.

LA BLACHE, Paul Vidal de. **La France de l'est (Lorraine-Alsace)**. Paris: Éditions La Découverte, 1994.

MORIN, Edgar. **A religação dos saberes: o desafio do século XXI**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

SANGUIN, André-Louis. **Vidal de La Blache: um génie de la géographie**. Paris: Belin, 1993.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 12. ed. Porto: Afrontamento, 2001.

SANTOS, Milton. Entrevista com Dorrit Harazim. O mundo não existe. **Veja**, Rio de Janeiro, Ano 27, n. 46, p. 7-10, 16 de novembro de 1994.

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova: da crítica da geografia à geografia crítica**. São Paulo: Hucitec, 1978.

SARAMAGO, José. In: **JANELA da alma**. Direção: Walter Carvalho; João Jardim. [S.L.], 2001. 1 DVD (73 min.), color., legendado.

Recebido em maio de 2004
Revisado em setembro de 2004
Aceito em outubro de 2004